

Parnanguaras & Ponta-grossenses

De como a Princesa foi homenageada

“Salve, salve, Ponta Grossa
De verdejantes campinas,
E de mares a alma nossa
Vem vibrando em tuas colinas.”

Quem não conhece este comovente estribilho? Tão inspirado, tão melodioso e fácil de cantar? Se você não se lembra provavelmente é de fora, não é ponta-grossense e nunca teve o prazer de ouvi-lo executado pelas bandas escolares da cidade. Sim, só pode ser de fora, porque aqui todo mundo sabe que este é o estribilho da “Marcha à Ponta Grossa”. Marcha nascida de um poema escrito pelo professor Dario Nogueira dos Santos e musicado por José Itiberê de Lima. Porém, o que pouca gente conhece é a história da criação dessa obra. História bonita, tão bonita que merece ser contada.

Baseada em apontamentos cedidos por Liamir Santos Hauer, me proponho a narrar os acontecimentos que deram à luz essa marchinha, tão cara à alma dos princesinos. Liamir guardou por muitos anos os escritos da mãe, a professora Pompília Lopes dos Santos, esposa do autor da letra e testemunha dos fatos.

Tudo começou no litoral, no ano de 1933, quando um grupo de professores e alunos do Colégio Estadual José Bonifácio e da Escola Normal de Paranaguá resolveram visitar Ponta Grossa. Vinham retribuir as muitas visitas feitas por mestres e estudantes princesinos que ao litoral sempre iam, pois descer a monumental Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, já naquele tempo, era programa emocionante e inolvidável. Contudo, os parnanguaras pouco se animavam a subir até aqui, aos Campos Gerais, e dessa forma feriam os sentimentos hospitaleiros da nossa gente. Sabendo disso, o professor Dario preparou uma grande excursão para finalmente vir estreitar laços de amizade e, sobretudo conhecer as atrações naturais da terra campesina. E mais, ele também desejava trazer um presente, alguma coisa que homenageasse o acolhedor povo ponta-grossense de forma inesquecível. Por isso, primeiro, tratou de saber alguma coisa da história de Ponta Grossa; depois procurou o amigo Casusa, como era mais conhecido o músico José Itiberê, e juntos produziram a bela marchinha, que conhecemos tão bem.

Tudo pronto, finalmente embarcaram. Vieram de trem e adentraram o Segundo Planalto cantando a deliciosa composição do Professor Dario e do Casusa. Daí justificam-se os versos:

“E dos mares a alma nossa
Vem vibrando em tuas colinas.”

Havia de ser contagiante a alegria daquela juventude acostumada às ondas do mar e que, agora, de repente, via-se viajando na vastidão ondulada dos verdes Campos Gerais. Assim, cantavam cada vez com mais ardor:

“Vozes nossas retumbantes
Proclamam fraternidade,
São mensageiros volantes,
Que dão paz à humanidade.”

Empolgados, chegaram à gare da Praça João Pessoa e surpreenderam a multidão de estudantes e professores que os aguardavam. A moçada ponta-grossense não esperava aquela situação inédita. Em versos musicados! Coisa mais linda do mundo!...

“Salve, salve, Ponta Grossa
De verdejantes campinas.”

Ali mesmo, na estação, os visitantes cantaram tudo do começo ao fim. A emoção foi grande e a homenagem calou fundo em todos os corações. Sensibilizada, a população princesina acolheu os excursionistas com redobrada cortesia. Muita gente levou hóspedes para a própria casa. O casal de professores, Pompília e Dario, ficou na residência da professora Júlia Carneiro Rosa.

Durante os quatro dias que aqui permaneceram, os excursionistas cumpriram extenso programa de confraternização, tertúlias intelectuais e passeios a Vila Velha, Lagoa Dourada e Furnas. Onde quer que fossem, iam cantando. Cantando sempre a mesma coisa. Tanto fizeram que, na hora da despedida, na estação, “o mundo estudantil, da beira-mar e de serra-acima, cantava irmanado a inspiradora marchinha”.

Foi comovente.

Satisfeitos, os parnanguaras foram s’imbora, mas o presente que trouxeram ficou e vem, através dos anos, encantando gerações e gerações de princesinos.

Ponta Grossa, 7/abril/2001.